

[ensaio de imagem]

André de Miranda

Desenhista, pintor e gravador, considera-se autodidata, embora tenha estudado e freqüentado diversos ateliês de gravura, tendo aulas de xilo com Ciro Fernandes e Anna Carolina Albernaz, metal com Marcelo Frazão e Heloísa Pires Ferreira. Coordenou oficinas de Xilogravura em diversas cidades de MS, Rio e Porto Alegre. É membro Núcleo de Gravura do Rio Grande do Sul. Participou de diversas Bienais de gravura no exterior, além de inúmeras exposições individuais no Brasil e no mundo. Vive e trabalha na cidade do Rio de Janeiro.

André de Miranda começou a estudar arte muito jovem, ainda adolescente. Com dezenove anos já participava da primeira exposição. Talentoso, sensível e interessado, André continuou estudando, enquanto seu trabalho ganhava qualidade e amadurecimento. Hoje (e já há bastante tempo) ele merecidamente ocupa lugar de destaque na arte contemporânea brasileira. Excelente desenhista, excelente gravador, excelente pintor, faz palestras e escreve artigos sobre arte, ilustra livros e jornais, além de ser professor de desenho e pintura. Com simplicidade ele me conta que continua estudando e pesquisando até hoje.

Aprecio muito André e seu inspirado trabalho, de inquestionável valor. Sua obra é reconhecida através de exposições no Brasil e no exterior, e de participações em expressivos salões de arte nacionais e internacionais; mas aprecio também, e com imenso respeito, sua incondicional dedicação à arte, em tempo integral, fazendo dela a sua prioridade de vida. Quando penso nisso, me lembro de uma entrevista de Lygia Fagundes Teles, em que ela diz assim: "Só acredito em vocação e que vem a ser simplesmente a vontade de fazer isto e não aquilo. Cumprir essa vontade, obedecer a esse chamado é a alegria de se entregar a uma paixão: a destinação. O importante é ser feliz seguindo esse impulso. Esse chamado do amor"

André de Miranda que ainda menino atendeu a esse chamado de amor, com toda a sua alma, tenho certeza, é um artista muito feliz.

Rio de Janeiro, primavera de 2001.

Anna Carolina Albernaz
gravadora

Reino Misterioso do Inconsciente

Livremente inventados, sem nenhuma derivação direta, tendo antes o caráter gráfico, meu pensamento está impregnado de adivinhações, mitos e mesmo visões, na procura da energia invisível da natureza e do universo, em linguagem determinada pela forma e pela composição: tensão entre a linha gravada e a estrutural. Interferência dinâmica da goiva e traços de puro grafismo.

O lúdico nestas minhas gravuras é o signo do grande alvo sempre presente de dar uma direção estrutural.

O desenho como território da confissão. Trata-se, pois, de trabalho no qual a figura-bicho se faz pela elaboração do construído, pelo interesse de desmistificar o processo, revelando-se como fruto e resultado de sua base estrutural. Assim, a inserção de pequenos sinais, sugere a idéia de movimento e provoca a dúvida à luminosidade do negro, a matéria como fruto da construção, gestual.

Nesse território precioso da gravura - confissão e mistério, construo e reconstruo meu universo. Distancio das oscilações que alguns tentam impor à arte, porém, como qualquer mortal, chuvas e trovoadas, árvores, pedras e montanhas, compõe este meu mundo plástico.

Toda gravura que eu crio tem sua origem numa experiência minha com a natureza, com a vida.

Muito cedo via o ser humano como "feio"; o animal parecia-me mais belo, puro, mas também nele descobri tanta coisa feia, que minhas representações se tornaram instintivamente agressivas.

Vivi por quatro anos em Três Lagoas, interior de Mato Grosso do Sul. Esta série relacionada aos animais foi desenvolvida neste período de minha vida. É uma região árida, mas de beleza fantástica e de um clima muito quente. São criaturas inspiradas nestes animais que vi, nos troncos retorcidos pelo calor, nas estórias que ouvia dos caboclos, mas na verdade, são criaturas do meu inconsciente, dos meus medos e na infinidade de animais que criamos internamente - energia primitiva.

Do reino misterioso de minha vivência, surgem estes pequenos e intrigantes animalejos.



01/30.

- "CAVALO DE AÇO" - Paulo de Medeiros '96

"CAVALO DE AÇO"
linoleogravura
15,5 X 20,5 cm
1996



"GALINHA"
linoleogravura
21 X 15,8 cm
1996



02/00.

- "GALINHA LOUCA"

Paulo Bruscky

"GALINHA LOUCA"
linoleogravura
15 X 21 cm
1996



"GALO MISTERIOSO"
15,7 X 21 cm
1996



"DUAS IRMÃS"
xilogravura
34,5 X 27 cm
2001



"PICHULA"
linoleogravura
20 X 16 cm
1999

[ensaio de imagem]

Lygia Arcuri Eluf

Professora de desenho e gravura do Departamento de Artes Plásticas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) desde 1990. Mestre e Doutora em Artes pela Universidade de São Paulo. Idealizadora e responsável pela implantação do Centro de Pesquisa em Gravura do IA/Unicamp.

Terra à Vista

Anotações

As montanhas do Rio de Janeiro: esse era o pano de fundo para minhas novas investigações. Queria registrar aquele espaço ambíguo que existe entre as montanhas, o que as torna montanhas, o que se opõe ao céu. A luz que vinha do mar transformava a cor e impregnava tudo através do filtro da água. A linha que divide a montanha do céu vai sendo determinada pelo olhar a partir da observação (causa); os pontos de interesse são marcados, ora num desenho que privilegia a representação do real, ora num desenho que se aproxima da sensação; em algum momento essa linearidade é substituída pelo dois planos: o céu e a montanha (efeito).

A construção da paisagem:

processo

- a observação e a contemplação: escolha do olhar
- a linha: definição dos planos e formas

- as cores: construção da matéria
- estrutura
- a articulação individual e a relação entre céu e montanha
 - duas energias: a força da gravidade e a ausência de profundidade

dimensões e verticalidade

- o horizonte como realidade, como fato
- a essência da escala no balanço não simétrico, na medida, no caráter, no peso

terra e ar

- área estática (a montanha) x posição dinâmica (o céu)
- a descrição dos movimentos ascendente e descendente

A série Terra à vista, composta de vinte serigrafias impressas em vermelho e em azul é um dos resultados desse trabalho: a construção da cor se dá pôr camadas transparentes e a matéria se adensa como no processo da pintura à óleo. Essa série foi exposta em 2000, como parte das comemorações dos 500 anos de descobrimento do Brasil, em Portugal, na Fundação Convento da Orada, Monsaraz.

Paisagem desconcertante, é o que me vejo

1. Matéria

- A escolha do material determina a matéria: traduz significados e produz conhecimento /reflexão
- A transgressão do material faz com que diga exatamente o que você quer que ele diga: processo de transformação, que só existe pela ação poética.
- Determino que a densidade do céu é construída pela luz e pelo movimento (a cor deverá se subjugar a isso e brahms no sexteto em si bemol maior, segundo movimento, andante ma moderato e na dramaticidade da manhã com a morte de um cachorro na estrada).

2. Cor

- Procuo a medida exata entre as duas partes: o ar e a terra, entre os azuis e os vermelhos.
- Construo um contraste cromático com amarelos rosados e os azuis esverdeados escuros. O vermelho como escolha final.

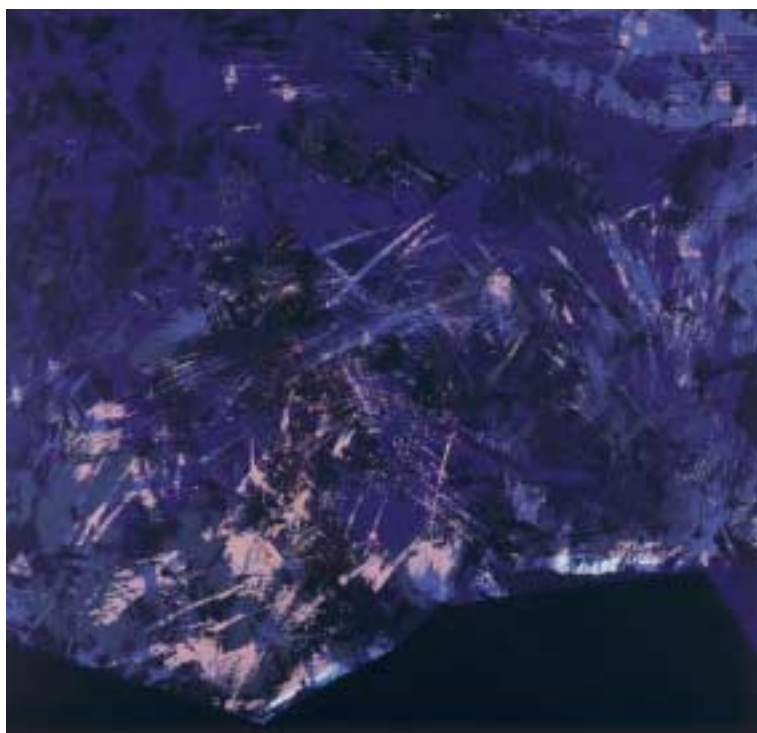
3. Forma

- A simplificação da forma traduz o desenho da montanha e seus espaços entre; permite que a montanha contenha a matéria densa e imóvel e que o céu mantenha o movimento através da luz e da cor.
- No desenho de observação as linhas e marcas registram as sensações físicas e tornam recorrente a paisagem (na tentativa de delimitar e controlar a natureza em sua pujante profusão de fenômenos).

A origem do desejo de figurar está no desejo de dar figura ao desejo: ali vivemos a veemência do visível, o aparecer total exposto inteiro e aquilo que nem sequer ousávamos sonhar era o verdadeiro.



Serigrafia
100 cm x 100 cm



Serigrafia
100 cm x 100 cm



Serigrafia
100 cm x 100 cm



Serigrafia
100 cm x 100 cm



Serigrafia
100 cm x 100 cm



Serigrafia
100 cm x 100 cm